

UNIDADE DIDÁTICA XI – SEGUNDA GUERRA MUNDIAL: DO CONFLITO TRADICIONAL À ERA NUCLEAR

1. A ITÁLIA SOB O FASCISMO

A vitória na Primeira Guerra Mundial não trouxe grandes vantagens para a Itália. O governo pós-guerra enfrentava sérios protestos com as resoluções da Conferência de Paz de Paris (1919), que recusou as reivindicações italianas. A democracia passou a ser vista pelos italianos como corrupta, fraca e servil aos interesses estrangeiros.

Suas reivindicações territoriais foram recusadas pelos Aliados, tendo como maior símbolo disso, as negociações em torno da cidade de Fiume, considerada pelos italianos como parte de seu país, devido à grande população italiana que residia na cidade. Os Aliados decidiram que Fiume seria um Estado Livre, enfurecendo os italianos, que logo atacaram a cidade em uma revolta popular, ocupando-a. O impasse ocorreu até 1924, quando o Tratado de Roma cedeu Fiume à Itália e parte do Estado Livre para o Reino da Iugoslávia.

Movimentos radicais começaram a ganhar força, como o comunista, que estimulavam greves e cabalavam votos para obter vagas na Câmara dos Deputados, tornando-se uma força temida pelo governo, que era composto por social-democratas.

Em tão turbulenta conjuntura, viu-se o nascimento do movimento fascista. Benito Mussolini, um jornalista que havia lutado na Primeira Guerra Mundial, e que tinha um longo passado comunista, rompeu com os socialistas por discordar da posição destes adotada quando da eclosão dessa guerra, que entendiam que a Itália deveria manter-se neutra. Mussolini via na guerra a oportunidade do país obter riquezas e melhor posição na política europeia.

Ao retornar da guerra, Mussolini entendeu que o socialismo havia fracassado e decidiu pela composição de uma nova doutrina política. Surgia o Fascismo, a ideologia onde o Estado deveria possuir absoluto e completo controle sobre a sociedade, que deveria ser organizada em corporações com funções bem definidas. Seu emblema e seu nome vieram dos “fascis”, símbolo dos magistrados do Império Romano, compostas por um machado rodeado de varas de madeira, simbolizando a

unidade entre o poder do Estado e o povo. Mussolini aproveitava-se de símbolos do passado italiano para mostrar a força de seu movimento.

O Fascismo cresceu rapidamente aproveitando-se da turbulenta situação política italiana, com os militantes fascistas, os “camisas negras”, saindo às ruas e atacando comunistas e dissidentes que contrariassem as lideranças fascistas. O movimento logo se tornou o Partido Nacional Fascista. Em 1921, Mussolini foi eleito deputado, em uma eleição onde os fascistas obtiveram muitas cadeiras na Câmara dos Deputados, tornando-se uma grande força política.

Valendo-se de tal expediente, Mussolini planejou a tomada do poder através de uma audaciosa manobra: a Marcha para Roma. Os fascistas de todo o país começaram a marchar na direção da capital, como forma de pressionar o governo a fazer Mussolini Primeiro-Ministro. Em 27 de outubro de 1922, os fascistas convergiram próximos a Roma e o Primeiro-Ministro Luigi Facta acusou ao Rei Vitor Emanuel o golpe. Como o Rei temia mais aos comunistas do que aos fascistas, que na sua visão eram os únicos capazes de conter os primeiros, retirou seu apoio a Facta, que caiu.

Mussolini assumiu o governo e pôs em prática o programa fascista. Incorporou ao Estado os camisas negras, criando a Milícia Voluntária pela Segurança Nacional. Implantou um programa de obras públicas que visava à criação de empregos e que recebeu grandes incentivos após a crise de 29. Leis foram aprovadas, transformando o governo da Itália em uma composição única, criando o precedente para o governo de partido único. Vale lembrar que, apesar de todas essas mudanças, a Itália continuou sendo uma monarquia até 1946, o Reino da Itália, e Mussolini tinha a aprovação do Rei Vitor Emanuel III, o que lhe ajudou a conseguir os poderes que necessitava.

Os fascistas mantiveram alguma participação dos outros políticos nos primeiros anos de poder, mas suas táticas truculentas como intimidação e fraude de eleições, atentados e assassinatos de rivais rapidamente causaram descontentamento nos meios políticos. Os adeptos do fascismo enfrentaram diversas crises políticas em decorrência do estilo truculento de governar, mas se mantiveram no poder e fecharam o regime, ao implantar o regime de partido único.

Foi construído um Estado Policial, com vigilância severa sobre a sociedade, aliada a uma poderosa máquina de propaganda, que exaltava as qualidades do Duce (Líder), “*Primeiro Marechal do Império*” e “*Fundador do Império*”, para destacar

alguns dos títulos que Mussolini utilizava. Curioso é notar que, apesar de seu poder, Mussolini não havia se tornando o máximo dirigente do regime: estava abaixo do Rei e do Grande Conselho do Fascismo, que eram as forças que poderiam lhe demitir, por serem as que lhe “delegaram” o poder, diferindo do princípio alemão de liderança, o “*Führerprinzip*”, que pregava a obediência cega ao líder, topo do sistema político.

Além do nacionalismo extremado, o fascismo buscava a construção de um império, ligando-se ao passado – o Império Romano – e advogava o nascimento da “potência italiana”. Envolta nessa ideologia, a Itália enviou forças para a Abissínia (Etiópia), visando conquistar a região e fundar seu “império”. A guerra foi bem mais difícil que o previsto e causou grandes baixas, além de ter um elevado custo, arruinando as finanças do Estado. Toda a comunidade internacional, com exceção da Alemanha Nazista, condenou a invasão e tomada da Abissínia, em uma época quando a descolonização começava a surgir.

A fuga do Imperador da Etiópia e a entrada de tropas italianas na capital Adis Abeba, em maio de 1936, finalizaram a campanha, embora forças irregulares ainda resistissem no interior. Além do equipamento superior, as forças italianas se utilizaram de armas químicas contra os etíopes, fato que isolou ainda mais a Itália internacionalmente.

Com o isolamento, a Itália rapidamente se aproximou da Alemanha Nazista, contrariando pactos secretos assinados com a Grã-Bretanha, que previam uma aliança contra os nazistas em caso de guerra. Com a condenação internacional de seus atos, Mussolini virou-se para a Alemanha e Hitler, a quem havia inspirado politicamente.

2 . O NAZISMO NA ALEMANHA

A conjuntura política surgida ao final da Primeira Guerra Mundial foi especialmente turbulenta na Alemanha. A Revolução Alemã, de 1919, caracterizou-se por um feroz e brutal embate entre nacionalistas, comunistas e social-democratas. Após sangrentos combates, os social-democratas obtiveram uma pequena maioria e formaram um frágil governo de coalizão. A República de Weimar ganhava forma: criada em 1919, com a abdicação do Kaiser Guilherme II e a

instalação da República no país, visava a instauração de uma democracia parlamentarista, mas acabou por criar um Executivo forte, com o Presidente tendo grandes poderes, similares aos do *Kaiser*.

Nesse período, não houve paz – a instabilidade política marcou o período tal como a econômica: enquanto a inflação se tornava galopante, com taxas enormes ao dia, a violência fazia parte do processo político – atentados, assassinatos e brigas entre militantes de partidos eram frequentes e muitas vezes utilizados para causar o caos e desestabilizar a democracia.

Nessa época floresceu o “mito da punhalada pelas costas”, que advogava que o Exército Alemão não havia sido derrotado no campo de batalha, mas teria sido traído por uma conspiração de comunistas e judeus, apoiados pelos social-democratas, que levou a Alemanha à derrota na guerra.

O mito rapidamente passou a ser utilizado nos debates e enfrentamentos que se seguiam na política de Weimar, especialmente pelo Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, o Partido Nazista, fundado em 1919 por um grupo de nacionalistas radicais vindos de diversos matizes políticos, onde logo se destacou um veterano da guerra, Adolf Hitler.

A oratória e o carisma de Hitler rapidamente o alçaram a liderança do partido, e articulando uma série de contatos com personalidades importantes, conseguiu trazer algumas para o partido, como o General Erich Ludendorff, Chefe do Estado-Maior Alemão durante a guerra, dando grande projeção ao movimento.

Apesar da projeção obtida, os nazistas fracassaram em se aproximar das elites alemãs, que não os viam com bons olhos. Em 1923, os nazistas tentaram um golpe, o *Putsch* da Cervejaria de Munique, mas foram rapidamente reprimidos pela polícia do Estado da Bavária. Adolf Hitler sobreviveu aos tiroteios nas ruas fugindo, mas foi preso e condenado, sendo encarcerado na prisão de Landsberg.

O tempo preso foi, de certa forma, essencial para a fundamentação do nazismo. Hitler ditou a militantes que lhe visitavam na prisão a obra que se tornou emblemática – *Mein Kampf* (Minha Luta), onde foi revelada a doutrina nazista: em uma plataforma antissemita (que advogava que os judeus desejavam conquistar o mundo), a necessidade da criação do espaço vital para os alemães crescerem como nação (*Lebensraum*), a militarização total do Estado, a luta contra o comunismo, a necessidade da conquista de terras da União Soviética, entre outras medidas.

A plataforma ditou todos os movimentos do Partido Nazista, cuja popularidade começou a aumentar na medida em que a República de Weimar, apesar de começar a melhorar a situação político-econômica alemã, era acusada de ser subserviente aos interesses das potências estrangeiras e ao Tratado de Versalhes.

A República de Weimar dinamizou a administração pública, o recolhimento de impostos e o controle federal sobre as vias de comunicação, especialmente as ferrovias. Isso não foi suficiente para manter a popularidade e a estabilidade política do regime, que foi duramente solapada com a crise de 1929.

Com a crise, a economia alemã, que estava se reerguendo, foi devastada totalmente, pois dependia dos investimentos estrangeiros, especialmente os americanos, que rapidamente cessaram. Com a falta dos investimentos, a produção começou a ficar estocada, derrubando os preços das ações das empresas, tal como nos Estados Unidos, além das demissões em massa, jogando grande parte da população no desemprego.

O governo começou a emitir moeda a fim de realizar pagamentos e manter a economia fluindo, mas só fez explodir o valor da moeda alemã, o Marco, criando uma inflação absurda, que logo fez com que, por exemplo, o preço dos pães chegasse à casa dos milhões de Marcos. A desvalorização do dinheiro chegou a tal ponto que notas de um milhão de marcos passaram a ser usadas como blocos de notas pelos alemães.

O quadro de instabilidade ajudou a promover os movimentos políticos de natureza radical, especialmente os nazistas, que aproveitaram o momento e ganharam eleições seguidas para o Parlamento (*Reichstag*), indo compor o governo junto com partidos de diferentes matizes políticos, em uma frágil coalizão que logo veio a ser solapada pela luta política que se seguiu.

Em 1932, os nazistas obtiveram uma votação expressiva nas eleições gerais de maio, e logo fizeram grande pressão para poder fazer com que Hitler fosse nomeado Chanceler pelo Presidente Paul von Hindenburg, herói da guerra e extremamente respeitado por políticos e militares alemães. Hindenburg negou-se a fazê-lo por diversas vezes, até que Fritz von Papen, político influente que já havia sido Chanceler, convenceu o presidente de que seria capaz de manipular Hitler se este fosse nomeado Chanceler e ele Vice-Chanceler.

Em janeiro de 1933, Hindenburg nomeou Hitler Chanceler, e rapidamente, apesar do poder do presidente, os nazistas começaram a ocupar todos os espaços

no governo. A oposição de esquerda foi banida e líderes de centro foram ameaçados a abandonar a política ou aceitar as políticas nazistas.

Em fevereiro de 1933, ocorreu o incêndio do *Reichstag*, e os nazistas culparam os comunistas por tal ato. Hitler então pressionou Hindenburg a assinar decretos que conferiam grandes poderes ao Chanceler e suspendiam as liberdades civis na Alemanha por tempo indefinido. Com base nesses decretos, os nazistas aproveitaram para realizar prisões em massa de comunistas e ataques ao Partido Comunista da Alemanha, incluindo-se aí os parlamentares da legenda. Vários líderes comunistas desapareceram.

Os nazistas aumentaram mais ainda sua presença no *Reichstag* após o banimento dos líderes e, com a maioria no parlamento, puderam aprovar leis que permitiam a Hitler legislar sem a aprovação do *Reichstag*. O caminho para a ditadura nazista de partido único foi aberto, pois, com tais poderes, acabava-se a República de Weimar, abrindo espaço para a Alemanha Nazista, o Terceiro Reich.

O presidente Hindenburg era a este ponto a única força capaz de se contrapor a Hitler, e este habilmente não o enfrentava, por saber que o velho marechal contava com o firme apoio das Forças Armadas, da elite, principalmente a prussiana, e de importantes intelectuais alemães. Mas Hindenburg estava muito esgotado pela idade e doente, e acabou por ser incapaz de se opor a Hitler.

Com a morte de Hindenburg em 1934, Hitler ficou livre para assumir o topo do governo, assumindo os poderes do cargo de presidente e criando o título de “*Führer*” (“Líder”), enquanto declarava a Presidência do Reich vacante.

Mas os nazistas não possuíam o controle da vida política alemã tal como queriam. Havia dois importantes atores a serem convencidos a fazerem parte do projeto: as elites e o Exército. As elites estavam preocupadas com a natureza violenta do Partido Nazista, cujos militantes, em especial a SA (“*Sturmabteilung*” - “Grupos de Assalto”). A SA compunha a força de choque nazista – “os camisas pardas” – e durante os enfrentamentos nas ruas com militantes de outros partidos possuía um efetivo que chegava à casa dos três milhões de homens. Seu efetivo causava fortes temores entre a alta oficialidade do Exército, que temia que a SA tomasse o lugar deste. Não era um delírio, pois Ernst Röhm, líder da SA afirmava que o Exército era “antiquado” e deveria ser substituído pela “moderna” SA.

Após negociações secretas, principalmente com o Exército, Hitler decidiu agir contra Röhm e as lideranças da SA. Sua principal ferramenta era a SS

(“*Schutzstaffel*” – “Esquadrão de Proteção”), fundada em 1925 como uma força de guarda-costas para os líderes nazistas, especialmente Hitler. Diferentemente das SA, que eram vistas como independentes demais do partido, a SS era totalmente fiel e obediente aos princípios nazistas. Tanto que para se filiar à corporação, o candidato deveria apresentar registros de pureza racial alemã de sua linhagem que recuavam até 1750.

Seu comandante era Heinrich Himmler, um dos primeiros quadros do Partido Nazista, e que ressentido com o poder que possuía a SA, buscou fortalecer a SS, transformando-a de um grupo de guarda-costas em uma força militar e policial. Por volta de 1934, a SS possuía 52 mil homens escolhidos de acordo com a filosofia da “super-raça” ariana, o ideal nórdico dos guerreiros loiros de olhos claros. Ironicamente, Himmler não se encaixava nesse perfil – era baixo, franzino e de cabelos negros.

Em 30 de junho de 1934, utilizando-se do subterfúgio de convocar uma reunião com Röhm e as lideranças da SA, Hitler chegou a Munique acompanhado de todo o alto escalão nazista – Hermann Göring: marechal do Reich e comandante da Força Aérea Alemã (*Luftwaffe*); Joseph Goebbels: ideólogo do Partido Nazista e Ministro de Propaganda e Informação do Reich; Rudolf Hess: assessor especial do Führer; Himmler: comandante das SS; e Reinhard Heydrich:, chefe da Gestapo, a polícia política nazista, e chefe do SD (“*Sicherheitsdienst*” – “Serviço de Segurança”), indo pessoalmente prender Röhm, acusado de usar a SA para realizar um golpe de estado.

A cúpula da SA foi rapidamente presa ou executada e o próprio Röhm foi executado na prisão em dois de julho, mas a Noite das Longas Facas, como ficou conhecida a ação na noite de 30 de junho, não foi apenas contra a SA, mas contra outros políticos também. O fundador do Partido Nazista, Gregor Strasser, foi assassinado, bem como o General Kurt Von Schleicher, que havia precedido Hitler como Chanceler. O Vice-Chanceler Papen ficou detido em casa e logo renunciou ao cargo, enquanto vários de seus colaboradores próximos foram executados, bem como diversos conservadores e social-democratas considerados “não-confiáveis” pelos nazistas.

O Exército aproximou-se do regime, e logo todos os militares alemães foram obrigados a realizar juramentos de fidelidade a Hitler, que passou a executar o projeto nazista. Em 1935, foram proclamadas as Leis de Nuremberg, que destituíam

os judeus da cidadania alemã e proibiam o casamento entre judeus e alemães, bem como hes impunham severas restrições trabalhistas.

Nesse ano a Alemanha também começou a demonstrar sinais de seu rearmamento – proibido pelo Tratado de Versalhes, ao assinar com a Grã-Bretanha o Tratado Naval Anglo-Alemão, que limitava a Marinha Alemã em 35% da tonelagem da Marinha Real britânica.

A economia entrou em crise a partir de 1936, pois as grandes somas voltadas para o rearmamento e expansão das Forças Armadas começaram a fazer falta em outros campos, como na agricultura e na produção. Parte desses problemas se dava devido aos ataques contra judeus bem como as leis antissemitas, que danificaram a economia alemã, pois boa parte do capital investido nela era de origem judia, e que com as perseguições acabou por afluir para outras nações. Hitler, de forma relutante, teve de retirar verbas dos militares e redirecioná-las para evitar uma crise de abastecimento.

Para manter a popularidade, aumentou-se o tom ufanista e triunfalista da propaganda do regime, bem como a busca de uma política externa cada vez mais agressiva. Hitler ordenou a ocupação militar da Renânia, proibida expressamente pelo Tratado de Versalhes, e encorajou-se para exigir mais, devido à reação nula de França e Inglaterra.

As demandas nazistas cresceram rapidamente, ao mesmo passo que uma aliança foi firmada com a Itália fascista, criando o Eixo Roma-Berlim. A Alemanha exigia a anexação da Áustria e esta foi feita sem negociações com as potências europeias. O episódio veio a ser conhecido como o *Anschluss* (“União”). Um plebiscito ratificou a anexação e os nazistas logo continuaram a marcha por mais territórios.

Ainda em 1938, Hitler passou a exigir que a Tchecoslováquia entregasse os Sudetos, região que abrigava um grande número de alemães, sob o pretexto de protegê-los do governo tcheco. Mais uma vez, França e Inglaterra buscaram o apaziguamento e na conferência de Munique, em setembro, concordaram com a anexação dos Sudetos pela Alemanha. Em março de 1939, os alemães acabaram por ocupar toda a Tchecoslováquia, violando os acordos firmados. Em breve, os alemães começariam a pedir para anexar a cidade livre de Dantzig, mas a Polônia se recusou a aceitar e a Alemanha decidiu aumentar a pressão, ameaçando inclusive ir a guerra para fazer valer seu interesse. Dessa vez, França e Inglaterra

decidiram mudar a atitude em relação à Alemanha, recusando as reivindicações nazistas e se aliando para ir à guerra em conjunto contra os alemães, caso esses invadissem a Polônia.

3. O AVANÇO DOS REGIMES TOTALITÁRIOS

Na Península Ibérica, o processo político rapidamente passou a trilhar o caminho do totalitarismo, devido à crise mundial que afetou seriamente os países ibéricos. Como a política já estava há décadas em crise, pois tanto Espanha como Portugal enfrentavam severas mudanças em pouco tempo: deixaram de ser monarquias e transformaram-se em repúblicas.

A República Espanhola, implantada em 1931, com a abolição da monarquia, era caracterizada por uma grande instabilidade causada pelos partidos de direita e esquerda, que recorriam a violência para fazer valer seus interesses. A polarização era tal que produziu severas clivagens na sociedade espanhola, dividindo até famílias.

De um lado, comunistas, socialistas e anarquistas além de outros grupos de esquerda organizados na *Frente Popular*. Em outro, militares, fazendeiros, representantes do clero e monarquistas, compunham os partidários da direita, que alegavam que as tradições da Espanha estavam sendo destruídas pelo governo esquerdista.

O mais jovem general do Exército, Francisco Franco, que já havia reprimido greves a mando do governo, conquistou o apoio da direita e rapidamente tornou-se o líder da facção nacionalista, devido às mortes dos generais Sanjurjo e Mola, que também eram proeminentes líderes contra o governo republicano.

Franco comandava o Exército da África, que possuía as melhores unidades do Exército espanhol. Do Marrocos iniciou sua marcha rumo ao território espanhol, invadindo o sul do país, enquanto forças do general Mola controlavam o norte. O centro e a Catalunha estavam nas mãos dos republicanos, mas a natureza da aliança governista acabou por depor contra o governo, pois anarquistas e comunistas tomaram o controle de diversas regiões implantando leis próprias e não respondendo aos chamados de Madri, ainda sob controle governista.

Franco contava com uma rápida reação por parte de outros militares para concluir o golpe rapidamente, mas a reação dos anarquistas, comunistas e socialistas foi inesperada e a guerra estourou.

Desde o início, o conflito foi marcado pela violência contra civis, especialmente dirigido contra o clero no caso dos republicanos. Mais de sete mil membros da Igreja ou simpatizantes foram executados sumariamente pelos republicanos. No caso nacionalista, era típica a realização de grandes execuções como forma de atemorizar a população e garantir sua fidelidade.

As lutas entre nacionalistas e republicanos ficaram marcadas por uma intensidade que só fez aumentar quando começou a ocorrer o envolvimento internacional em ajuda aos dois lados. As Brigadas Internacionais, compostas por voluntários de diversos países e forças da União Soviética, que enviara armas, equipamentos e pessoal, começaram a chegar à Espanha para lutar junto aos republicanos, enquanto a Alemanha nazista e a Itália fascista enviaram forças para lutar junto aos nacionalistas, com suporte logístico de Portugal, que já estava em um regime autoritário liderado por Antonio de Oliveira Salazar.

Os alemães enviaram a *Legião Condor*, que forneceu apoio aéreo e ficou conhecida mundialmente pelo bombardeio da cidade de Guernica, imortalizado pela obra de mesmo nome, pintado por Pablo Picasso. Os italianos enviaram o *Corpo Truppe Volontarie*, que envolvia forças de terra e ar, chegando a ter efetivos de 50 mil homens, compostos por militares do Real Exército da Itália, da Força Aérea Real e paramilitares do Partido Fascista.

O ano de 1937 viu grandes batalhas ocorrerem entre nacionalistas e republicanos, com o fracasso das ofensivas de Franco para capturar Madri, embora conseguisse capturar outros territórios na Espanha. A luta também era firme no campo ideológico: os republicanos faziam propaganda aliados a importantes figuras da esquerda europeia, mostrando a guerra como a chance de lutar contra o fascismo efetivamente e impedi-lo de crescer, ao passo que os nacionalistas caracterizavam o conflito como uma cruzada da Cristandade contra o comunismo e a anarquia que destruiria a Espanha.

As diferenças ideológicas entre os grupos que compunham as forças que lutavam pela república espanhola acabaram por minar a capacidade de luta desta contra os nacionalistas, que com cada vez mais recursos e forças bem-treinadas,

impunham vitórias e iam tomando mais e mais regiões da Espanha, isolando as forças republicanas.

Franco obteve a vitória em 1939, declarando em 1º de Abril o fim da guerra, após a rendição das últimas forças republicanas e a queda de Valencia, última grande cidade nas mãos republicanas (a capital Madri havia caído dias antes), concluindo o conflito que devastou a Espanha.

Nos anos do pós-guerra civil, Franco buscou manter a independência da Espanha, conduzindo com habilidade as pressões de Itália e Alemanha para ingressar na Segunda Guerra Mundial. Franco ora mostrava-se disposto, ora apresentava aos alemães uma lista de exigências tal que estes ficaram desencorajados de incluir os espanhóis na guerra. Porém, quando a Alemanha invadiu a União Soviética em 1941, Franco autorizou o envio de um corpo de voluntários para a luta contra o bolchevismo, a Divisão Azul. Os voluntários foram proibidos de lutar contra as potências ocidentais e ficaram conhecidos na frente russa pela grande habilidade em combate.

Após o fim da guerra, Franco afastou-se do fascismo, e a cúpula do regime foi tomada por um grupo de tecnocratas que estabeleceram políticas de crescimento para a Espanha nas décadas de 1950 e 1960, ajudando a romper o isolacionismo em que a nação se encontrava desde o fim da guerra civil. O fim do franquismo chegaria com a morte de Franco e o retorno do Rei à Espanha, em 1975, surgindo a monarquia constitucional pluripartidária e democrática.

Em Portugal, a jovem república sofria com a grande instabilidade política, desde seu nascimento, quando do regicídio de 1910, que acabou com a monarquia. O início da república foi marcado por um grande jacobinismo e um forte movimento anticlerical. Profundos choques políticos se seguiram e, em 1926, a república foi derrubada pelo seu presidente eleito, o general Oscar Carmona, líder de um movimento militar que há muito planejava a derrubada da república para implantar um regime de ordem estável.

O regime veio a ser conhecido como a *Ditadura Nacional*, e os militares logo colocaram no ministério um professor que rapidamente se tornaria o líder do regime: Antonio de Oliveira Salazar, que como ministro das finanças conseguiu combater a caótica situação econômica em que Portugal se encontrava, e assim sendo, foi nomeado Presidente do Conselho de Ministros, Primeiro-Ministro de Portugal.

A ascensão de Salazar ao poder coincidiu com o fechamento do regime e a transformação da ditadura no *Estado Novo*, onde uma nova constituição foi publicada em 1933, com um regime autoritário de partido único (a União Nacional) e a divisão da sociedade em corporações que seriam representadas no Parlamento.

O Estado Novo tinha uma inspiração fortemente fascista e pró-católica. O lema do regime era “Deus, Pátria e Família”, que demonstrava claramente a natureza conservadora e tradicionalista que Salazar impôs ao país. Qualquer questionamento à ordem estabelecida era vigiada pela PIDE (Polícia Internacional e de Defesa do Estado) e outras organizações criadas para o aparato de segurança estatal, que rapidamente espalhou o terror entre a população portuguesa.

Portugal entrou em um forte isolacionismo, pois as visões de Salazar não coadunavam com o que se passava no exterior. Manteve com dificuldade a neutralidade portuguesa na Segunda Guerra Mundial e depois manteve a política “Orgulhosamente Sozinho”, pela qual se recusava a conceder independência às colônias ultramarinas portuguesas, deixando o país cada vez mais isolado na política internacional. Na visão salazarista, Portugal era um império plural, multicultural e multirracial e assim deveria permanecer.

Em 1968, Salazar sofreu um acidente em casa e logo ficou incapacitado para governar, sendo substituído pelo Ministro das Colônias, Marcello Caetano, que governou até 1974. Este foi derrubado em 25 de Abril pela Revolução dos Cravos, encabeçada pelo Movimento das Forças Armadas (MFA), que conduziu Portugal à democracia e abertura política, com o retorno do pluripartidarismo.

4. O MILITARISMO JAPONÊS

O Japão havia passado no século XIX de país vulnerável às invasões estrangeiras e à colonização, tal como a China, a uma potência imperialista respeitada. Sua vitória sobre os russos na Guerra Russo-Japonesa de 1905 demonstrou os esforços do Estado Imperial para modernizar o país e colocá-lo na era da industrialização.

Como o Japão é um país pobre em recursos naturais, a busca imperialista deste se deu pela necessidade desses recursos mais do que por mercados para suas mercadorias, como no caso europeu. Assim, os japoneses invadiram diversas

áreas da Ásia, sendo as de maior proeminência a Manchúria e a Coreia, que foram os principais provedores de matérias-primas para o Império.

Durante a Primeira Guerra Mundial, os japoneses lutaram contra os alemães e invadiram diversas possessões desses no Pacífico, tentando expandir sua influência sobre a China, quase a transformando em um protetorado, coisa que não conseguiram devido à condenação internacional e o forte sentimento antinipônico da população chinesa.

Os anos do entre as guerras mundiais viram uma crescente militarização do Estado Imperial, assim como a ascensão do Imperador Hirohito, que acabou por marginalizar os políticos moderados, dando força aos militares em diversos postos da administração. Na visão política dos militares, os generais do Exército defendiam uma filosofia política que mesclava o antigo código de conduta samurai (*Bushido*) com o fascismo europeu, e pregavam um processo político onde novamente o Imperador se tornaria uma figura decorativa em um “xogunato militar”. Já os almirantes da Marinha acreditavam que o Imperador deveria reter poderes em uma monarquia constitucional com natureza até religiosa.

O regime político se fechou, e o Japão se lançou na conquista de novas regiões na Ásia. Em 1937, após a conquista da Manchúria, o Império declarou guerra à China, e um cruento conflito se seguiu, sendo considerado o prelúdio asiático da Segunda Guerra Mundial por especialistas, tal como a Guerra Civil Espanhola foi o prelúdio europeu.

A Liga das Nações, já combalida nesse tempo, condenou as ações japonesas e só fez o Japão se retirar da entidade. Em 13 de dezembro de 1937, os japoneses capturaram a capital da China Nacionalista, Nanking, e realizaram uma ação que ficou conhecida como “o *Estupro de Nanking*”, em uma brutal violência que vitimou 300 mil chineses, caracterizada por estupros, saques, pilhagens e massacre deliberado de civis.

Os japoneses não se limitaram apenas à China em sua ofensiva pela Ásia. Buscaram também aumentar seus domínios na Manchúria, atacando território contestado pela União Soviética, que resultou em uma rápida guerra vencida pelos soviéticos na Batalha de Khalkhin Gol, fazendo com que os japoneses decidissem por não mais atacar as forças soviéticas.

Com a derrota em Khalkhin Gol, a hipótese de avanço territorial rumo à Sibéria em busca de recursos perdeu força no governo japonês, que passou a

priorizar a hipótese da Marinha: a busca por recursos no Pacífico, que guiaria a ação japonesa na guerra.

5. A PRIMEIRA FASE DA GUERRA: O AVANÇO DO EIXO (1939-1942)

As ambições de conquista territorial da Alemanha foram cada vez maiores, e a relutância de França e Inglaterra em tomarem uma atitude ofensiva, fazia com que os nazistas fizessem exigências cada vez maiores. Após tomar a Áustria e a Tchecoslováquia e reivindicar a Cidade Livre de Danzig, fechando o Corredor de Danzig, os alemães forçaram a Europa a um impasse, pois França e Inglaterra mudaram a sua atitude em defesa da Polônia e da sua independência. Ao mesmo tempo, em agosto de 1939, a Alemanha assinava com a União Soviética um pacto de não-agressão.

Garantidos pelas promessas anglo-francesas, os poloneses recusaram as demandas alemãs e passaram a se preparar para a agressão. Com as propostas recusadas, os nazistas decidiram pela guerra e em 1º de setembro de 1939 invadiram a Polônia, usando do método que seria conhecido como *Blitzkrieg*, a guerra-relâmpago. Em 17 de setembro, os soviéticos invadiram a fronteira leste da Polônia e dividiram o país com os alemães.

Esse movimento acompanha a anexação da Albânia pela Itália fascista em abril de 1939. Tentando frear o crescimento do Eixo, a Inglaterra havia estendido as promessas de defesa à Grécia e a Romênia contra uma possível ação do Eixo Roma-Berlim. O domínio das técnicas da *Blitzkrieg* pelos alemães foi fundamental para compreender a rapidez e a natureza do seu avanço pela Europa, pois muitos dos exércitos europeus ainda esperavam travar uma guerra nos moldes da Primeira Guerra Mundial.

Entre maio e junho de 1940, Dinamarca, Holanda, Bélgica e Noruega caíram sob domínio alemão. A conquista da Holanda e Bélgica se deu em uma grande manobra de envolvimento para flanquear a Linha Maginot, um gigantesco complexo de fortalezas que a França havia construído na fronteira com a Alemanha a fim de se proteger de uma eventual invasão. A linha se mostrou ineficaz diante da manobra alemã, que devastou os exércitos anglo-franceses e forçou os britânicos a retirarem

suas tropas em Dunquerque, enquanto os franceses eram batidos e se rendiam aos alemães em 14 de junho de 1940.

A Itália entrou na guerra em 10 de junho, ao lado da Alemanha, invadindo o sul da França. Logo após a rendição francesa, o país foi dividido em duas zonas: uma sob controle das forças do Eixo e uma composta por um regime colaboracionista com os alemães, comandado pelo Marechal Pétain, conhecido como França de Vichy (capital do país, localizada no sudeste de Paris).

Um grupo de franceses conseguiu fugir em meio à retirada britânica e formou o grupo dos Franceses Livres, liderado pelo general Charles de Gaulle. Londres se tornou a base na Europa para diversos movimentos de resistência contra o domínio nazista, como o francês, o polonês e o tcheco.

Após a chamada Guerra da França, inicia-se a Guerra da Inglaterra. A Inglaterra, nessa fase da guerra, sustentou sozinha a luta contra a Alemanha, que começou a bombardeá-la dia e noite, buscando obter a superioridade aérea para promover uma invasão. Os ingleses resistiram por meio da *Royal Air Force* (RAF), que impôs severas perdas à *Luftwaffe*, a Força Aérea Alemã. A incapacidade de neutralizar a vontade dos ingleses fez com que os planos de invasão fossem cancelados.

Durante esse período, uma intensa batalha se seguiu no mar, entre a *Royal Navy* e a *Kriegsmarine* com os seus U-Boats (submarinos), buscando bloquear a chegada de suprimentos à Inglaterra. Nesse tempo, os EUA eram neutros na guerra, mas já demonstravam certa apreensão com a luta da Inglaterra contra os nazistas e rapidamente aprovaram leis, gerando um fluxo de suprimentos e equipamentos militares para apoiar aos ingleses. A ajuda americana também foi estendida aos chineses.

Em 1941, Hitler decidiu-se por lançar a ofensiva contra a União Soviética. Seu planejamento foi atrasado por uma ação de Mussolini, que desejava tomar a Grécia, enquanto forças britânicas atacavam os domínios italianos na África, após ataques destes ao Egito. Em uma rápida campanha, os britânicos capturaram 115 mil soldados italianos, destruindo o exército de Mussolini na região. Os alemães tiveram que mandar forças em socorro italiano na África.

Ao mesmo tempo, os alemães decidiram por invadir a Iugoslávia, após a queda do regime pró-Alemanha, e aproveitaram para conquistar a Grécia, aliada dos britânicos, que apesar da tenaz defesa desses, tiveram que se retirar. A campanha

para a conquista de Creta destacou-se por envolver grandes efetivos de paraquedistas alemães e forças aerotransportadas.

Apesar da torrente de sucessos nazistas, a Inglaterra obteve um grande sucesso nesse ano, quando do afundamento do encouraçado alemão Bismarck.

O contra-ataque alemão na África foi devastador para as forças britânicas, que perderam os ganhos que obtiveram contra os italianos, e tiveram de recuar para o Egito. No Pacífico, os japoneses preparavam sua frota para lançar ataques contra as colônias das potências europeias, desprotegidas, e concluía um tratado de não-agressão com a União Soviética.

Ainda nesse ano, a guerra que já possuía dimensões europeias, com conflitos na África e no Oriente Médio, iria ganhar escala global com dois fatos. O primeiro ocorreu em 22 de junho de 1941, quando os alemães invadiram a União Soviética.

A ofensiva alemã foi devastadora, com os alemães batendo todos os exércitos soviéticos na fronteira e capturando milhões de soldados soviéticos nos primeiros meses de ação. A velocidade do avanço permitiu que os alemães lançassem um ataque contra a Moscou em outubro de 1941.

A brava resistência soviética e a vinda de forças da Sibéria comandadas pelo General Zhukov suspenderam a ofensiva alemã, combinada a chegada do inverno, que acabou com as estradas, vitais para o esforço de guerra alemão, especialmente as forças *Panzer*, compostas por carros de combate e tropas mecanizadas. Os russos foram capazes de lançar uma contraofensiva, que forçou os alemães a recuarem às posições originais do ataque à cidade de Moscou.

Ao mesmo tempo em que os alemães eram barrados na sua frente oriental, no Pacífico ocorria o segundo fato que iria lançar o conflito na escala global: os japoneses atacaram possessões holandesas, francesas, britânicas e americanas, bombardeando a base naval de Pearl Harbour, no Havaí, em 7 de dezembro de 1941, destruindo vários navios da Marinha dos EUA.

No dia seguinte, os EUA declararam guerra ao Japão, e logo a Alemanha e a Itália declararam guerra aos EUA. A entrada dos americanos na guerra, com seu grande complexo industrial, iria alterar o equilíbrio da guerra.

Em uma rápida campanha em 1942, os japoneses conquistaram grandes domínios coloniais, obtendo diversos recursos para sua indústria de guerra, mas foram derrotados no mar em Midway e em terra em Port Moresby, na Papua – Nova Guiné.

Na África, os alemães mantinham a pressão sobre os ingleses na região de El Alamein, onde formaram uma linha defensiva para deter as forças do *Afrika Korps*, comandado pelo General Rommel. As forças britânicas foram reagrupadas no VIII Exército, comandando pelo General Montgomery.

6. A SEGUNDA FASE DA GUERRA: A VITÓRIA DOS ALIADOS (1942-1945)

Em 1942, os alemães lançaram nova ofensiva na Rússia, dessa vez com o objetivo de capturar objetivos no Cáucaso, que possuía ricos recursos petrolíferos capazes de manter o esforço de guerra alemão. Novamente os alemães impuseram um avanço impressionante no sul, conquistando grandes extensões de território e capturando milhares de soldados russos.

O ponto-chave da ofensiva era a cidade de Stalingrado e os soviéticos estavam dispostos a manter a cidade enquanto os alemães tinham ordens para capturá-la a qualquer custo, particularmente pelo simbolismo que seu nome representava. A Batalha de Stalingrado começara, com violentos e sangrentos combates em localidade, com os alemães obtendo um lento avanço em um tipo de enfrentamento onde seus carros de combate eram totalmente inúteis.

Ao mesmo tempo, na África, Rommel e suas forças se preparavam para lançar uma ofensiva contra o VIII Exército britânico, que estava recebendo suprimentos e equipamentos norte-americanos em El Alamein, em posições entrincheiradas.

O assalto alemão falhou em romper o dispositivo britânico e boa parte da força do *Afrika Korps* foi destruída na batalha. A atitude ofensiva passou aos Aliados na África, ocorrendo a Operação Tocha poucos dias depois, com desembarques de tropas americanas em solo africano, apoiando as forças britânicas contra os alemães.

Ao mesmo tempo, forças alemãs tinham tomado quase toda Stalingrado, após sangrenta batalha para a conquista de diversos pontos capitais da cidade, como a Colina Mamayev, a Fábrica de Tratores (onde eram produzidos carros de combate e canhões, muitas vezes usados ainda na linha de produção para defender a área) e a Estação de Trens, que em um dia de combate mudou de mãos nada menos que 14 vezes.

Nesse momento, em que os alemães achavam que a conquista da cidade era questão de tempo, forças soviéticas concentradas na margem do rio Volga, comandadas pelo General Zhukov, preparavam-se para lançar um ataque aos flancos do VI Exército alemão, comandado pelo General Paulus. Na segunda quinzena de novembro de 1942, os soviéticos lançaram sua ofensiva, destruindo unidades aliadas dos alemães, como romenas, italianas e búlgaras.

Os soviéticos cercaram o VI Exército, que ficou refém da cidade que desejava conquistar, Stalingrado. Uma tentativa de estabelecer uma ligação para resgatar as tropas cercadas fracassou devido à tenaz resistência dos soviéticos. O ressuprimento por ar prometido pela Luftwaffe também falhou. O Marechal Von Manstein, que comandava os esforços alemães para salvar o VI Exército, pediu a Hitler que autorizasse este a abandonar a cidade para realizar um ataque para ligar-se às forças alemãs que tentavam criar o corredor para salvá-lo, mas Hitler negou e deu ordens para que o VI Exército lutasse até o último homem dentro de Stalingrado. A sorte das forças alemãs na cidade estava selada. Em janeiro de 43, Hitler promoveu Paulus a Marechal. Esperava que ele lutasse até a morte ou se suicidasse, pois nunca um marechal alemão havia sido capturado pelo inimigo. Mas Paulus acabou se rendendo aos soviéticos, bem como 22 generais alemães, para a fúria de Hitler. Efetivos alemães, italianos, romenos e húngaros foram capturados. Dos 91 mil alemães capturados, somente 5 mil sobreviveriam aos campos de prisioneiros russos.

No início de fevereiro, terminava a Batalha de Stalingrado, um dos maiores desastres militares alemães e a batalha mais sangrenta da história contemporânea, com quase 2 milhões de baixas estimadas entre civis e militares. A derrota foi completa, e os alemães perderam forças consideráveis na luta da frente oriental.

As forças aliadas passaram no ano de 1943 à ofensiva contra as forças do Eixo em todos os teatros de operações. No Pacífico, as forças aliadas, especialmente americanas, capturavam ilhas uma a uma, além dos bombardeios estratégicos que minavam a capacidade da economia japonesa de manter a guerra.

Na Europa, a aviação aliada bombardeava a Alemanha dia e noite, destruindo cidades e indústrias. A guerra na África terminaria em 13 de maio de 1943, com a rendição das forças do Eixo. 252 mil soldados alemães e italianos foram capturados e os Aliados logo desembarcaram tropas na Sicília em julho, seguida pela invasão da Itália.

A invasão causou a queda do regime fascista, com a deposição de Mussolini pelo Grande Conselho Fascista e sua prisão, sendo o governo assumido pelo General Badoglio, que negociou a rendição e inserção da Itália junto aos Aliados para lutar contra a Alemanha. Os alemães responderam ocupando o norte, libertando Mussolini e fundando uma “República Social Italiana” chefiada por este.

A guerra na Itália seria o destino das forças do Brasil, que havia declarado guerra ao Eixo em 1942. Para lá seriam mandados os 25 mil homens da Força Expedicionária Brasileira e do 1º Grupo de Aviação de Caça. A participação brasileira ocuparia lugar de destaque nos efetivos do V Exército americano.

Porém, mesmo com o desastre em Stalingrado, os alemães ainda possuíam uma formidável capacidade e lançaram uma ofensiva para recuperar a iniciativa na frente oriental, na região de Kursk. Em um último esforço, a força de submarinos alemã lançava um novo ataque na Batalha do Atlântico, sendo derrotada por uma série nova de táticas, equipamentos e medidas empreendidas pelos Aliados.

A batalha de Kursk iniciou-se em 4 de julho de 1943, com forças alemãs avançando contra o saliente estabelecido pelas forças soviéticas durante o inverno, fortemente defendido, pois os soviéticos receberam informações sobre a movimentação alemã. Em uma das maiores batalhas de carros de combate da história, os soviéticos detiveram o avanço alemão, mas foram incapazes de realizar um contra-ataque, devido às terríveis perdas sofridas.

Os alemães falharam em alcançar seus objetivos e as perdas foram tais que nunca mais recuperariam a iniciativa na frente oriental. Os soviéticos lançaram ofensivas que acabaram por minar as forças alemãs, retomando território, terminando com o sítio de Leningrado, em janeiro de 1944.

O ano de 1944 seria o início do ocaso das forças do Eixo. A luta na frente italiana continuou, e as forças aliadas capturam Roma, após quebrar a resistência alemã em Monte Cassino. No Pacífico, o perímetro da Grande Esfera de Prosperidade Asiática, o nome dado pelo Japão às áreas ocupadas na Ásia, foi rompido pelos americanos, que desembarcaram em diversas ilhas e atóis, capturando bases que permitiram a aumentar os bombardeios aéreos sobre o Japão, causando efeito devastador nas cidades japonesas.

Os soviéticos lançaram uma ofensiva que expulsou os alemães de grande parte do território da União Soviética, além de efetuar ataques em território da Romênia. Essa ação, conhecida como Operação *Bagration*, acarretou a pior derrota

alemã da guerra, pois durante os combates, foi totalmente destruído o Grupo de Exércitos Centro alemão, dando acesso à Polônia e os estados bálticos, bem como à Bulgária e à Iugoslávia. As ações soviéticas desencadeiam golpes de Estado na Romênia e Bulgária, que mudaram de lado e passam a lutar contra a Alemanha.

Ao mesmo tempo, em 6 de junho de 1944, ocorre o Dia D, a invasão da Normandia pelas forças aliadas, com efetivos dos EUA, Grã-Bretanha, Canadá e França. A liberação da França começara e, enfrentando dura resistência, os Aliados abriram caminho por entre as sebes da Normandia, forçando as tropas nazistas a recuar.

No Pacífico, os americanos liberaram as Filipinas do domínio japonês e acabaram com a capacidade de combate da Marinha Imperial Japonesa na Batalha do Golfo de Leyte, uma das maiores batalhas navais da história. No combate, os japoneses lançaram mão pela primeira vez dos *kamikazes*, pilotos suicidas destinados a afundar navios americanos, lançando-se contra eles com seus aviões.

Em dezembro de 1944, os alemães lançam sua última ofensiva, nas Ardenas, sendo batidos em poucas semanas. A contraofensiva leva as tropas aliadas até as margens do Reno, já em território alemão, enquanto os soviéticos conduzem uma nova ofensiva na primavera de 1945, invadindo a Alemanha e se aproximando de Berlim.

Na Itália, após o inverno, as forças aliadas retomam a ofensiva, e a esse tempo, a Força Expedicionária Brasileira obtêm importantes vitórias, dentre as quais se destacam Monte Castelo e Montese, além de capturar a 148ª Divisão Alemã, fazendo um total de 20.573 prisioneiros de guerra.

No Pacífico, os americanos invadiram ilhas que pertenciam ao território japonês, como Iwo Jima, em uma cruel batalha contra as forças japonesas, gerando um grande número de baixas. O Presidente Franklin Roosevelt morreu em 12 de abril, sendo sucedido pelo seu vice, Harry Truman.

Nesse mesmo mês, os soviéticos invadiram e cercaram a capital alemã, Berlim, dominando a cidade em uma violenta e terrível batalha, que acabou por levar o ditador nazista Adolf Hitler a cometer suicídio, quando os soviéticos estavam a menos de um quilômetro de seu bunker, em 30 de abril. Dois dias antes havia morrido o ditador fascista Benito Mussolini, capturado e executado por guerrilheiros italianos.

Com a morte de Hitler, o novo líder alemão, o Almirante Doenitz, ordenou a rendição das forças alemãs em 8 de maio de 1945, sendo a data conhecida como o Dia da Vitória.

No Pacífico, os americanos enfrentavam duríssimos combates em Okinawa, onde forças japonesas resistiam até o último homem, vendendo suas posições da maneira mais custosa possível. Um general americano foi morto em combate e diversos navios foram afundados por ação dos *kamikazes*, mas em junho Okinawa foi tomada.

Apesar de ter sua marinha quase totalmente destruída, e os americanos terem praticamente pulverizado diversas de suas cidades, o Japão se negava a aceitar a rendição incondicional imposta pelos Aliados.

Em agosto de 1945, duas bombas atômicas foram lançadas pelos EUA nas cidades de Hiroshima e Nagasaki, enquanto os soviéticos invadiam a Manchúria, as Ilhas Kurilas, as Ilhas Sacalinas e a Coreia. Após violentos bombardeios sobre Tóquio, o Japão se rendeu em 15 de agosto, sendo ocupado por forças aliadas a 28 de agosto. A cerimônia formal de ocupação ocorreu a bordo do encouraçado *Missouri* em 2 de setembro.

Com as últimas operações conduzidas em território alemão, foram descobertos diversos campos de concentração, onde os nazistas aprisionaram, em uma política de extermínio e trabalho escravo, judeus, ciganos, inimigos políticos do regime, poloneses, homossexuais, Testemunhas de Jeová, deficientes físicos e mentais. Nesses campos, as minorias eram exterminadas por diversos meios (gás venenoso, choques elétricos, fome, trabalhos escravos e forçados, execuções em massa, experimentos pseudocientíficos, dentre outros) que chocaram o mundo, tal o nível de barbárie a que chegou a Alemanha nazista. O total de mortes nos campos é estimado em 12 milhões, sendo 6 milhões de judeus. Os japoneses também tiveram sua cota: a Unidade 731 conduziu experimentos de guerra química e biológica em prisioneiros e civis, especialmente chineses, sendo responsável por boa parte dos crimes de guerra japoneses.

Estes crimes de guerra seriam julgados em tribunais criados pelos Aliados para tal. Na Europa, o Tribunal de Nuremberg julgaria os crimes de guerra de Alemanha enquanto o Tribunal de Crimes de Guerra do Extremo Oriente julgaria os crimes japoneses.

A Segunda Guerra Mundial, o conflito mais brutal da história humana, havia terminado, com 60 milhões de mortos, segundo estimativas. O mundo estava mudado e duas potências surgiram no contexto mundial, logo sendo alçadas à categoria de superpotências: EUA e URSS.

Durante a Guerra, cinco conferências ocorreram entre os aliados, com a finalidade de reajustar os planejamentos políticos e estratégicos da campanha, bem como de definir os rumos da política internacional pós-guerra:

- Conferência de Casablanca: encontro dos líderes americano e britânico, Roosevelt e Churchill, no decurso da Segunda Grande Guerra, de 14 a 24 de Janeiro de 1943, no qual foi elaborado, pelos Aliados, o pedido de rendição incondicional da Alemanha, Itália e Japão. Este pedido provou ser contraproducente, já que só serviu para endurecer a determinação das forças do Eixo, o que pode ter prolongado a guerra. Foram também discutidos assuntos de estratégia geral, incluindo acordos para dar prioridade à Batalha do Atlântico, continuar a ajuda à URSS, preparar em conjunto a invasão da França (a qual conduziria à invasão do Dia-D), iniciar os planos para a invasão da Sicília e aumentar os ataques aos japoneses para reconquistar as ilhas Aleutas e Marshall, enquanto os britânicos deveriam concentrar esforços na reconquista da Birmânia.

- Conferência do Cairo: foi uma reunião ocorrida entre Roosevelt, Churchill e Chiang Kai-Chek, de 22 a 26 de Novembro de 1943, onde decidiram o destino do império japonês. Foi decidido que todos os territórios tomados da China pelo Japão, com exceção da Coreia, seriam devolvidos à China. O Japão, ainda, perderia todas as ilhas do pacífico e territórios ocupados desde 1914.

- Conferência de Teerã: em 28 de novembro de 1943 começava a Conferência de Teerã, no Irã, que se estenderia até 1º de dezembro. Nela, reuniram-se os três dos maiores estadistas da época (Roosevelt, Churchill e Stalin). A Conferência de Teerã serviu para definir os rumos a seguir na busca pela vitória na Segunda Guerra, que eram os seguintes:

- rendição incondicional da Alemanha Nazista;
- ajuda militar aos guerrilheiros iugoslavos, à Polônia, com compensações territoriais e ao governo pró-soviético;
- acerto da Operação Overlord – o nome código do grande desembarque anglo-saxão nas costas da França atlântica,
- abertura do segundo frente na Europa Ocidental.

No encontro, Stalin assumiu ainda o compromisso de guerra contra o Japão. Além disso, a Conferência serviu também para que Roosevelt expusesse os seus planos para o pós-guerra. Roosevelt imaginou, retomando o ideário do presidente Woodrow Wilson, a fundação de uma instituição internacional que substituísse a malfadada Liga das Nações (que viria a ser a ONU), “baseada no princípio de igual soberania entre todas as nações pacíficas”. Instituição que seria a responsável, num mundo democratizado, pela garantia da paz e da segurança dos povos da Terra.

- Conferência de Ialta: foi composta por um conjunto de reuniões ocorridas entre 4 e 11 de fevereiro de 1945 no Palácio Livadia, na estação balneária de Ialta, nas margens do Mar Negro, na Criméia. Os chefes de Estado dos Estados Unidos da América (Roosevelt) e da União Soviética (Stalin), e o primeiro-ministro do Reino Unido (Winston Churchill) reuniram-se em segredo em Ialta para decidir o fim da Segunda Guerra Mundial e a repartição das zonas de influência entre o Oeste e o Leste.

Em 11 de fevereiro de 1945, eles assinam os acordos cujos objetivos foram de assegurar um fim rápido à guerra e a estabilidade do mundo após a vitória final. Estes acordos são essenciais para a compreensão do mundo pós-guerra. Mesmo se suas interpretações pelos historiadores são diversas e variadas, vários deles estão de acordo sobre diversos pontos dos acordos. As diretrizes afirmadas nesta reunião determinaram boa parte da ordem durante a Guerra Fria, precisando as zonas de influência e ação dos blocos antagônicos, capitalista e socialista. Contudo, em 1991, após a queda do socialismo, o ambiente internacional entrou em um período de transição, abandonando estes preceitos.

- Conferência de Potsdam: ocorreu em Potsdam, Alemanha (perto de Berlim), entre 17 de Julho e 2 de Agosto de 1945. Os participantes foram os vitoriosos aliados da II Guerra Mundial, que se juntaram para decidir como administrar a Alemanha, que se tinha rendido incondicionalmente nove semanas antes, em 8 de Maio. Os objetivos da conferência incluíram igualmente o estabelecimento da ordem pós-guerra, assuntos relacionados com tratados de paz e o contornar os efeitos da guerra:

- reversão de todas as anexações alemãs na Europa após 1937 e a separação da Áustria da Alemanha;

- estabelecimento dos objetivos da ocupação da Alemanha pelos Aliados: desmilitarização, desnazificação e democratização;

- o Acordo de Potsdam, que previa a divisão da Alemanha e da Áustria em quatro zonas de ocupação (anteriormente decidido na Conferência de Ialta), e a similar divisão de Berlim e Viena em quatro zonas (americana, britânica, francesa e soviética). Posteriormente, em 1961, a zona soviética seria isolada das demais pelo Muro de Berlim;

- julgamento dos criminosos de guerra nazistas;

- estabelecimento da fronteira da Alemanha com a Polônia nos rios Rio Oder e Neisse ("linha Oder-Neisse");

- expulsão das populações germânicas remanescentes fora das fronteiras da Alemanha;

- acordo sobre as indenizações de guerra. Os Aliados estimaram as suas perdas em 200 bilhões de dólares. Após insistências das forças ocidentais (excluindo assim a URSS), a Alemanha foi obrigada apenas ao pagamento de 20 bilhões, em propriedades, produtos industriais e força de trabalho. No entanto, a Guerra Fria impediu que o pagamento se processasse na totalidade;

- Stalin propôs que a Polônia não tivesse direito a uma indenização direta, mas sim que tivesse direito a 15% da compensação da União Soviética (esta situação nunca aconteceu);

- os Aliados editaram a Declaração de Potsdam, que ultimou os termos de capitulação do Japão.

Dado que a II Guerra Mundial nunca foi terminada com uma Conferência de Paz formal, a fronteira Germano-Polaca foi sendo confirmada com base em acordos mútuos. Este estado de incerteza levou a uma grande influência da União Soviética sobre a Polônia e Alemanha. Os aliados ocidentais, especialmente Churchill, mostraram-se desconfiados das intenções de Stalin, o qual já tinha instalado governos comunistas em países da Europa Central sob sua influência; a conferência de Potsdam acabou por ser a última conferência entre os Aliados.

Durante a conferência, Truman mencionou a Stalin uma "nova arma potente" não especificando detalhes; Stalin encorajou o uso de qualquer arma que proporcionasse o final da guerra. Perto do final da conferência, foi apresentado ao Japão um ultimato (ameaçando uma "rápida e total destruição", sem mencionar a nova bomba), e após o Japão o ter recusado foram lançadas bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki a 6 e 9 de Agosto, respectivamente. Truman tomou a decisão

de usar armamento atômico para acabar com a guerra enquanto esteve na conferência.

7. A ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU) E A DIVISÃO DA ALEMANHA

Apesar das tensões que passaram a ocorrer com o fim da guerra, as potências buscavam uma maneira de impedir uma nova guerra em escala mundial. Foram conjurados esforços múltiplos na criação de um órgão que pudesse supervisionar a comunidade internacional e medir disputas e impedir conflitos entre nações.

Em 24 de outubro de 1945, foi criada a Organização das Nações Unidas, cuja instância mais importante é o Conselho de Segurança, composto por EUA, URSS, Grã-Bretanha, França e China. Quinze membros são eleitos para compor o conselho temporariamente, com mandatos de dois anos.

A primeira missão da ONU foi supervisionar a ocupação da Alemanha (como acertado pelas conferências mantidas entre os poderes aliados durante a guerra), nas quatro zonas de ocupação divididas entre a França, URSS, Grã-Bretanha e EUA. Berlim foi dividida também em quatro zonas. Essas zonas logo viriam a se tornar um dos campos de confrontação da nova ordem do pós-guerra: a Guerra Fria.

Logo, as zonas de ocupação se tornariam novas nações. Em maio de 1949, com a fusão das zonas francesa, britânica e americana, surgiria a República Federal da Alemanha, ou Alemanha Ocidental, que se tornaria um dos principais países capitalistas da Europa e se tornaria a terceira maior economia do mundo. Apesar do *status*, as forças de ocupação permaneceram e, com a entrada da Alemanha Ocidental na OTAN, as forças estrangeiras tornaram-se aliadas.

A República Democrática Alemã, ou Alemanha Oriental, foi fundada em outubro de 1949, tutelada pelos soviéticos até 1955, quando foi reconhecida como independente e passou a fazer parte do bloco socialista, aliando-se ao Pacto de Varsóvia e possuindo diversas forças militares estrangeiras em seu território, tal como a Alemanha Ocidental.

A Segunda Guerra Mundial foi especialmente devastadora para a Grã-Bretanha. O altíssimo custo em vidas, material e dinheiro para enfrentar as forças do

Eixo debilitou muito a economia britânica, tornando a ideia de manter o império colonial insustentável.

A Índia era considerada a “jóia do império” e mantê-la havia se tornado impossível economicamente e politicamente, pois a Inglaterra havia lutado em uma guerra a favor da liberdade e democracia. As manifestações indianas por independência ocorriam desde a década de 1920.

Assim, terminada a 2ª Guerra Mundial, foi nomeado um último Vice-Rei para o “*Raj Britânico*”, nome dado ao domínio britânico da região, o Almirante Louis Mountbatten, que buscou acelerar e finalizar o processo de independência, tanto pelas pressões externas quanto pelas internas. Mountbatten era um político pragmático e muito perspicaz, buscando criar uma Índia unificada, de acordo com os pensamentos de Gandhi, a principal figura desse processo, que capitaneava a campanha da resistência pacífica, da não-violência e da desobediência civil ao domínio inglês, com a recusa ao pagamento de impostos e o boicote a produtos ingleses.

Apesar de suas influências, os dois foram derrotados pelos problemas religiosos que assolavam a região, com embates entre hindus e muçulmanos. O líder da facção muçulmana, Muhammad Ali Jinnah, insistiu na preservação dos direitos dos muçulmanos que residiam na Índia, mas diante dos confusos sinais dados pelas lideranças hindus que tais direitos seriam desrespeitados, liderou uma campanha por um Estado separado para os muçulmanos.

Com o fracasso das propostas de Mountbatten e Gandhi, o Parlamento britânico aprovou a independência de Índia e Paquistão em agosto de 1947, criando os dois Estados, ainda comandados ou influenciados por oficiais britânicos no primeiro ano de existência. O Paquistão ficou dividido em Paquistão Ocidental e Paquistão Oriental, que veio a se tornar independente em 1971, chamando-se Bangladesh.

As tensões que acabaram por criar os dois Estados explodiram com o conflito na Caxemira. Segundo uma resolução da ONU datada de 1947, a população local deveria decidir a situação política da Caxemira por meio de um plebiscito acerca da independência do território. Tal plebiscito, porém, nunca aconteceu, e a Caxemira foi incorporada à Índia, o que contrariou as pretensões do Paquistão e da população local - de maioria muçulmana – e levou à guerra de 1947 a 1948. O conflito terminou com a divisão da Caxemira: cerca de um terço fica com o Paquistão (Caxemira Livre

e Territórios do Norte) e o restante com a Índia (Jammu e Caxemira). Essa região continua sendo um foco de constante tensão entre os dois países.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ARRUDA, José Jobson de A.; PILETTI, Nelson. **Toda a História: História Geral e História do Brasil**. 13. ed. São Paulo: Ática, 2007. 728 p.

BOBBIT, Philip. **A luta começa: fascismo, comunismo, parlamentarismo, 1914-1919**. In: _____. **A Guerra e a Paz na História Moderna**. O impacto dos grandes conflitos e da política na formação das nações. Rio de Janeiro: Campus, 2003. p. 22-30.

BOBBIT, Philip. **A luta prossegue: 1919-1990**. In: _____. **A Guerra e a Paz na História Moderna**. O impacto dos grandes conflitos e da política na formação das nações. Rio de Janeiro: Campus, 2003. p. 31-40.

CROUZET, Maurice. **A Ásia Sul e Extremo Oriente. A Índia**. In: _____. **História Geral das Civilizações**. A Época Contemporânea – O Desmoronamento dos Impérios Coloniais; O Surto das Técnicas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996. V. 17. Livro Quarto, p.76-91.

GONÇALVES, Williams da Silva. **A Segunda Guerra Mundial**. In: REIS FILHO, Daniel Aarão *et all.* (org.). **O Século XX: O tempo das crises**. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. p. 165-194.

HOBSBAWM, Eric. **A Queda do Liberalismo**. In: _____. **Era dos Extremos**. O breve século XX, 1914-1919. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p.113-143.

KOSHIBA, Luiz; PEREIRA, Denise Manzi Frayze. **História do Brasil no contexto da história ocidental**. 8. ed. São Paulo: Atual, 2003. 602 p.

MENDES, Cristiano Garcia. **A Organização das Nações Unidas – ONU**. In: OLIVEIRA, Henrique Altemani de; LESSA, Antonio Carlos (orgs.). **Política Internacional Contemporânea: Mundo em Transformação**. São Paulo: Saraiva, 2006. p. 17-30.